

Sete Portas, cinco décadas de história.

O bairro começou numa grande feira livre e ainda hoje é o mais extenso centro comercial da cidade

Tudo começou há 50 anos com a instalação da segunda maior feira livre da cidade. Hoje a Sete Portas é considerada bairro, tendo como principal referência o antigo mercado. A explosão demográfica dos bairros adjacentes transformou o local num ponto de tráfego e afluência que vai desembocar no Centro, bem no Terminal da Barroquinha, ou ainda possibilitando o acesso à Estação da Lapa. A Sete Portas tornou-se uma área de passagem para Nazaré, Barbalho, Brotas, Macaúbas e Santo Agostinho.

Nestes cinquenta anos, o mercado tradicional com suas sete entradas ou portas, que teriam dado origem à sua denominação, assistiu principalmente à especulação comercial nas três vias principais. O plano urbanístico

mostra um traçado em forma de "T" que possui no centro a feira livre. Na rua Djalma Dutra funciona o maior comércio de autopeças da cidade, representado por dezenas de estabelecimentos. Nesta rua também existe o prédio onde são produzidas grande parte das informações diárias da capital e do Estado, através dos jornais Tribuna da Bahia e Jornal da Bahia.

Partindo do Largo dos Dois Leões, a Sete Portas tem início na antiga Estação Rodoviária. No prédio da antiga estação foi reativado, no último mês o Hortomercado da Ceasa, e até o final do ano vai estar funcionando, no andar térreo, uma loja da rede Paes Mendonça. Seguindo a rua da antiga estação, o transcurso atinge a feira, passando antes pela sede da Limpurb. Daí se segue em frente pela

J. J. Seabra e avistar as primeiras lojas comerciais que indicam o começo da tradicional Baixa dos Sapateiros. As casas residenciais são em número reduzido, se comparado ao número de lojas. "Isso aqui era tudo mato. Nem havia marinete (ônibus), e o transporte era feito pelo bonde que passava por aqui. O forte mesmo era a Feira da Sete Portas", lembra João dos Santos, 61 anos e há 44 carregando mercadorias na sua carroça levada pela mula de nome Boa Jóia.

FEIRA LIVRE

A intensificação do comércio não destituiu o papel da feira livre e suas histórias pitorescas. Discussões eventuais entre barraqueiros acontecem, conta um feirante há 20 anos no local. Mas a rotina desses vendedores, instalados nos 355 boxes, pouco se alterou nos últimos anos. No Beco das Aves, na Rua das Hortaliças ou no Beco das Batidas, o consumidor vai encontrar produtos frescos que são descarregados diariamente na feira.

A Sete Portas também oferece o que há de mais típico na cultura e na comida baiana, e como não poderia deixar de ser aqui tudo acaba em samba, ou melhor, em deboche. Os adeptos do candomblé tem na feira ponto certo para a compra de materiais para as "obrigações", desde as folhas para banhos, incenso ou pombas brancas. Os boêmios têm encontro marcado no tradicional Bar e Restaurante Alagoano, onde realizam suas serestas, acompanhados do saboroso Sarapatel, Mocotó ou Caruru. A festa se estende ao Bar 49, conta o proprietário também conhecido pelo número da casa: "Temos uma clientela certa e diversificada. Formada por motoristas, funcionários do pólo e até empresários".

Ele afirma que está satisfeito com o ponto onde trabalha há quase trinta anos, mas reclama - "o problema da feira é a sujeira que muitas vezes, se acumula nas passagens". A feira livre, na opinião dos moradores do bairro, é uma ótima opção para a compra de hortifrutigranjeiros. No mais, o bairro é bem servido quanto a estrutura de serviços: possui três padarias; três farmácias, duas clínicas dentárias, o 14º Centro de Saúde, três postos de gasolina e várias lojas de confecções. "Estou satisfeita em morar aqui. O principal problema é a falta de um posto policial, pois acontecem muitos assaltos", afirma Ana Cláudia da Silva, 17 anos que reside na Rua Cônego Pereira desde pequena.



Os velhos casarões denunciam a decadência da Sete Portas



Ambulantes nas calçadas dificultam a passagem de pedestres